

Educação Popular Digital com Alunos do Ensino Médio.

João Augusto Neves Pires
Graduando em História INHIS/UFU

Mário Lucio Alexandre
Mestrando em Educação FAGED/UFU

Arlindo José de Souza Jr.
Professor FAMAT/UFU

Eixo Temático I: Ensino Secundário / Técnico / Médio

Resumo

O presente trabalho tem o intuito de apresentar algumas questões concernentes às atividades realizadas no projeto de pesquisa e extensão “Oficina de mídias digitais: potencializando saberes” realizado na periferia da cidade de Uberlândia, com jovens estudantes do Ensino Médio. Projeto que prima pela produção coletiva através de oficinas e de materiais didático-pedagógicos que estabeleçam vínculos entre às mídias digitais e os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Desta forma este texto traz algumas reflexões teórico-metodológicas pensadas pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares (GPECPOP) e o Núcleo de Pesquisa em Mídias na Educação (NUPEME) para a realização das atividades com os alunos, como também visa problematizar as dificuldades na realização do projeto.

Introdução

As novas tecnologias e o mundo da informação já são inerentes as (rel)ações humanas, onde o tecer social se engendra criando uma dinâmica em que tempos e espaços múltiplos se entrecruzam sempre se resignificando. Se por um lado temos alguns pessimistas que apontam o mundo da informação como algo catastrófico para as relações sociais, por outro, podemos entender que ao entrar em contato com o outro e com os múltiplos - espaços e tempos -, estes sujeitos podem se perceber dentro de uma dinâmica global, e entender e conviver com o outro agora encontra novos horizontes que permite, a nosso ver, criar novas possibilidades para o tecer social.

Assim sendo quando pensamos e sugerimos esse projeto de extensão entendemos que apesar das desigualdades e problemas sociais enfrentados em nosso país, não podemos negar que as tecnologia da informação e comunicação hoje conseguem interagir e estar presente no cotidiano de todas as classes sociais. Desta forma e tendo em vista a importância de pensar as classes populares, este projeto abriu espaço para uma discussão coletiva de como a cultura digital interage com a cultura popular e de que forma essas novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's) podem e são usadas para o processo de criação e ensino-aprendizagem com e para as classes populares.

Em parceria com a ONG “Ação Moradia”, localizada no bairro Morumbi (periferia da cidade de Uberlândia), criamos um ciclo de oficinas de mídias digital, que visava trabalhar com a produção de matérias didáticos-pedagógicos em diversas áreas do conhecimento, como também problematizar essa nova interação intermediada que está presente na contemporaneidade.

Hoje vivemos num mundo no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar. O sequestro das experiências de locais espaço-temporais da vida cotidiana vai de mãos dadas com a profusão de experiências mediadas e com a rotineira mistura de experiências que muitos indivíduos dificilmente encontrariam face a face. (THOMPSON, 2011, p. 182)

Estas formas de abordar e problematizar a cultura digital foram (re)pensada coletivamente em nossas oficinas, buscando a todo instante nos perceber neste espaço e

fazer com que os jovens fossem produtores e consumidores da cultura digital, articulando com seus objetivos e práticas na *cibercultura*.

Partindo da premissa que a inteligência coletiva “é distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2011, p. 28), é importante construir junto aos alunos das classes populares uma rede de coordenação das inteligências, fazendo com que as pessoas dialoguem sobre suas experiências passadas e as descobertas recentes. Assim praticando a dialogicidade estivemos constituindo uma cultura onde todos compartilhem descobertas, desmitificando a relação de poder-saber e contribuindo para o empoderamento social dos saberes.

O que ocorre de ‘novo’ na dimensão cultural é um despertar coletivo para a possibilidade de se usar a dinâmica das interações entre os domínios da vida social, que estiveram ideologicamente separados. Convém capitalizar os benefícios trazidos – por exemplo – pela convergência entre a ciência e a tecnologia, a arte e a comunicação, os agenciamentos virtuais e os presenciais, o trabalho reflexivo-intelectual e o trabalho pragmático dos profissionais de mídia, gerando modalidades de empoderamento social. (PAIVA, 2010, p.20)

Desta forma a partir da ação ativa dos alunos durante nosso projeto e, por conseguinte, no processo de ensino-aprendizagem, foi possível trabalhar com as mídias digitais na perspectiva de instrumentos que “incentivam o aprendiz a buscar informações, dados e materiais necessários. Ajudam-no a selecionar, organizar, comparar, analisar e correlacionar dados e informações; a fazer inferências, levantar hipóteses, checa-las, comprova-las, reformulá-las e tirar conclusões” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 151).

Tendo em vistas que a *cibercultura* coloca os seus navegantes em outra posição - como agentes (inter)ativos e produtores daquele espaço - durante o processo de produção do conhecimento, nos colocamos como parte, também criadora, das inteligências coletivas. Assim sendo, como mostra Certeau (2011), incapazes de se afugentar e cada vez mais coagidos por esses amplos enquadramentos, só nos restava a astúcia no relacionamento com a cultura digital, ‘dar golpes’, encontrar no oceano eletrotécnicizado e informatizado a ‘arte’ dos caçadores ou rurícolas antigos.

Como artesões e agricultores do tempo, alunos dos cursos de licenciaturas da Universidade Federal de Uberlândia, foram parte da tríade: ensino, pesquisa e extensão, **VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

fazendo dialogar a contemporaneidade e as classes populares, a formação docente e a construção de um grupo que preze pelas inteligências coletivas. Pois “vista criticamente, a tecnologia não é senão a expressão natural do processo criador em que os seres humanos se engajam no momento em que forjam o seu primeiro instrumento com que melhor transformam o mundo” (ALENCAR apud FREIRE, 2005, p. 6), onde todos tenham acesso aos saberes e sejam capazes de contribuir para o desenvolvimento da humanidade.

Desenvolvendo um olhar atento (metodologia da prática e da pesquisa).

A fim de vivenciar a prática pedagógica e criar propostas metodológicas capazes de fazer com que os alunos, durante o processo de ensino-aprendizagem, “dinamizassem seu mundo criando e recriando, integrando-se nas condições de seu contexto, respondendo aos desafios, auto objetivando-se, discernindo e se lançando no domínio que lhe é exclusivo, o da história e da cultura” (FREIRE, 1981, p.63). Buscamos um diálogo entre as tecnologias da informação e comunicação (TIC’s), a formação docente – que está veiculado ao processo de ensino-aprendizagem - e a educação popular, já que estes ocorrem em espaços que fomentam o relacionamento e a “profusão de materiais simbólicos que podem fornecer aos indivíduos os meios de explorar formas alternativas de vida de um modo imaginário e simbólico; e conseqüentemente permitir-lhes uma reflexão crítica sobre si mesmos e sobre as reais circunstâncias de suas vidas” (THOPSOM, 2011, p.185).

Como também buscamos analisar as práticas e saberes populares, refletindo sobre os sujeitos do conhecimento e suas diferentes apropriações no processo de ensino-aprendizagem e na cultura digital. E por fim caracterizar a realidade contemporânea e de que forma esta pode influenciar as práticas pedagógicas visando a potencialização dos saberes. A pesquisa/projeto se baseou, por fim, em compreender o processo coletivo de produção de saberes docentes e discentes, como também sobre a prática pedagógica com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC’s) na Educação Popular.

Desta forma para (re)significar e (re)interpretar o processo de ensino-aprendizagem coletivamente, segundo CARVALHO (2009), é necessário ter em vista que, durante todo o processo de pesquisa e ação serão descobertas novas informações e que trarão novas hipóteses para a compreensão do problema, para que ao final seja

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

possível constituir um entendimento que esteja mais próximo da realidade. Sobre o processo de análise dos dados podemos dizer que:

A pesquisa qualitativa proposta por nós representa um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de forma constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. Tal representação teórica guia os diferentes momentos da pesquisa e define a necessidade de introduzir novos instrumentos e momentos nesse processo, em dependência das ideias e novos fatos geradores de novas necessidades no desenvolvimento do modelo teórico. (REY, 2005)

Nesse sentido a pesquisa bibliográfica consistiu na leitura e estudos das teorias de Educação Popular e da Cultura Digital, que nos ajudaram na fundamentação de conceitos que envolvem as Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Popular. O processo de produção de dados se realizou por meio de observações diretas, relatórios, gravações (em áudio e vídeo) entrevistas e outras formas de registro que se farão necessárias no decorrer do trabalho.

Prática educativa popular e coletiva.

Pierre Lévy (1999) nos chama a atenção que o “devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito” (LÉVY, 1999, p. 200), por conseguinte as vontades de poder, as ideologias, de esquerda e direita, estão a todo instante se dissimulando dentro do cibercultura, construindo e desconstruindo discursos do conhecimento, ao contrário, por exemplo, das mídias clássicas que eram capazes, de certa forma, de manipular/controlar informações. Por isso nos aprofundamos em algumas questões para compreender estas manifestações culturais que permeiam toda a contemporaneidade.

Do mesmo modo, Thompson (2011), ao discutir este tipo de interação intermediária que proporcionam as mídias digitais, problematiza a maneira pela qual elas participam na construção do self¹, mostrando de que forma a modernidade e a

¹ “É um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade. Esta é uma narrativa que vai se modificando com o tempo, à medida que novos materiais, novas experiências vão entrando em cena e *VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania*. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

cultura digital vem contribuindo com a disseminação de recursos simbólicos que dão novas direções e experiências para a construção do self, pois antes do desenvolvimento da mídia, os materiais simbólicos dispostos para sua formação eram adquiridos em contextos de relação face a face.

Neste contexto acreditamos que a educação tem o compromisso em transformar realidades, de empoderar sujeitos, de melhorar espaços, criar lugares que valorizam os sujeitos críticos e sonhadores, a fim de questionar o mundo e realizar mudanças, pois “(...) quando um homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções.” (FREIRE, 1979, p. 30).

Sacristan (2000) afirma que:

(...) o objeto central da prática educativa na escola deve ser o de provocar a reconstrução das formas de pensar, sentir e atuar das novas gerações, oferecendo-lhes como instrumentos ou ferramentas de trabalho os esquemas conceituais que a humanidade foi criando e que se alojam nas diferentes formas de criação cultural (SACRISTAN, 2000, p. 100)

Nessa perspectiva a Educação Popular foi o lócus conceitual que nos possibilitou, de certa, forma superar nossos anseios de pensar uma prática que valorize a produção coletiva e que “provoque a reconstrução de formas diferentes de pensar”. Brandão (2002, p. 43), defendendo uma *educação popular*, afirma que o(a) educador(a):

(...) deve saber que a multiplicação de alguns gestos simples vividos na escola, ao mudar para melhor as pessoas, haverá de participar do que constrói a multidão daqueles que participarão do tomar nas mãos o que transforma o rumo e o destino de seus mundos sociais. Mas nada disto se faz ao acaso, assim como nada de importante se realiza por decreto. Na verdade, como sempre acontece quando estamos lidando com o saber e o aprender, o que se vive é um cuidadoso e lento trabalho de lidar com momentos inesperados da experiência de vida de cada pessoa educanda. (ARROYO, 2011, p. 126)

Por conseguinte buscando essa aproximação entre produção coletiva e educação popular estivemos em sala de aula e nas oficinas construindo e (re)pensando um tecnologia educacional que problematizasse as relações construídas entre os sujeitos do conhecimento. (Inter)agindo coletivamente nós descobrimos possibilidades de trabalhar conteúdos com alunos do Ensino Médio, de modo que trazendo suas experiências para

gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de as vida” (THOMPSON, 2011 p. 183).

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

os espaço das oficinas nós potencializaríamos tais conhecimentos colocando-os em dialogo com as ciências – exatas, sociais e biológicas -, pois entendemos que “o confronto com suas experiências pessoais e coletivas é um mecanismo pedagógico de extrema relevância”(ARROYO, 2011, p. 130.).

Calculando Experiências: relatos das oficina/aula de matemática.

O PAAES (Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior) é um processo de seleção da Universidade Federal de Uberlândia, em que as provas acontecem de forma seriada para os alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio público, visando desta forma preencher 25% das vagas oferecidas pela universidade. Todavia há dificuldades que as escolas públicas da periferia enfrentam, no sentido de darem condições a seus alunos a prestarem tais provas – seja no 1º, 2º ou 3º ano. Relatam os alunos que as dificuldades enfrentadas nas escolas vão desde a composição e reposição de seu corpo profissional – falta de professores para algumas matérias - até mesmo quanto à falta de materiais para o desenvolvimento das atividades em sala de aula. Desta forma nos deparamos com estas experiências: jovens que almejam a entrada na Universidade Federal da cidade onde vivem, porém com baixa estima para a realização do processo seletivo, julgando-os incapazes de concorrerem a uma vaga devido a defasagem de estudo.

Para enfrentar tal situação propomos levar professores das diferentes matérias que lhes eram cobrados para prestarem o processo seletivo. Estes professores – alunos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia - tiveram como desafio trabalhar – parar não perdermos a proposta inicial das oficinas -“assumindo como princípio epistemológico que toda experiência social produz conhecimento e que todo conhecimento é produto de experiências sociais [...] aceitando que as diversidades de experiências humanas são a fonte mais rica da diversidade de conhecimento” (ARROYO, 2011, p. 120).

As aulas de matemática a fim de trabalhar com estes elementos – experiência de vida, PAAES e conteúdo – se voltou à relação candidato por vaga, que tanto atormenta os alunos do Ensino médio que pretendem prestar algum processo seletivo, e transformou esse “conflito” em um problema matemático a ser resolvido coletivamente (ver FOTO 1).

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.



FOTO 1: Aula de matemática (Acervo do grupo).

O professor inicia sua aula descortinando os problemas da relação candidato por vaga que existem em diferentes processos seletivos das Universidades, questões eram levantadas a partir das experiências dos alunos, de suas vivências com tais processos de seleção e as angústias que sofriam por muita das vezes se verem excluídos das matemáticas de aprovação. Dando o segundo passo em sua aula, e aproveitando tais falas, o professor segue explicando que a relação candidato por vaga era descoberto através de uma **razão** e mostrava no slide que “a razão é a comparação entre dois números, por meio de uma divisão”(Ver slides abaixo).



Slides usados na aula de matemática (Acervo do grupo)

Para verificar outros exemplos desse cálculo no dia-a-dia do aluno, lhes foi passado um vídeo que traz a **razão** que determina a velocidade da internet compra na

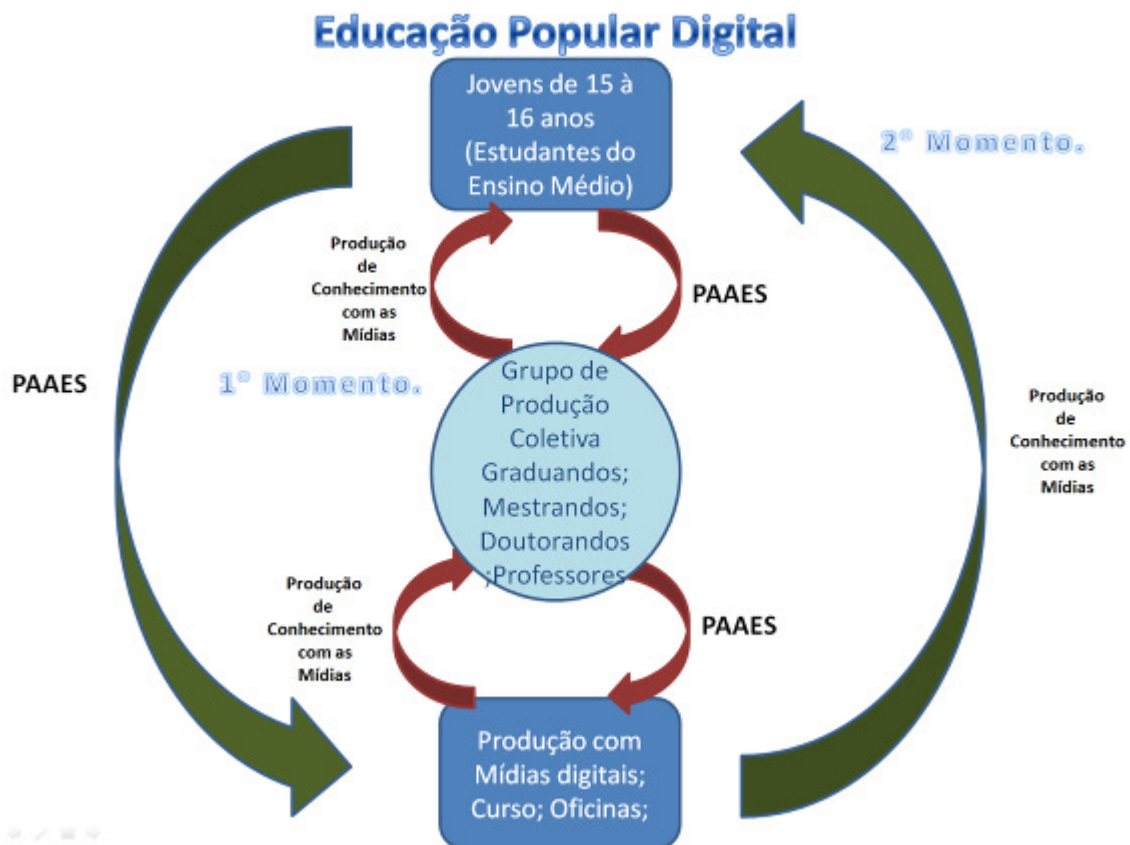
VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

cidade de Uberlândia. Os alunos calculando descobrem que o mesmo cálculo matemático que determina a relação candidato por vaga, serviria também para descobrir a velocidade da conexão usada em sua casa.

Finalizando a aula lhes é pedido à resolução dos seguintes problemas: “Para que serve a relação candidato por vaga? ”; “ Dê mais alguns exemplos de razão que usamos em nosso cotidiano.”; “Qual curso você imagina fazer? Encontre quantos candidatos, quantas vagas e qual a relação candidato por vaga”. Nesse sentido o professor trabalhou seu conteúdo de maneira que o “significado dos conhecimentos não vem apenas nem principalmente de sua aplicabilidade para a vida [como prestar um processo seletivo], mas de estarem enraizados nas experiências e nas mais radicais indagações da condição humana” (ARROYO, 2011, p. 121).

Considerações Finais.

Nossos anseios em um primeiro momento era trabalhar com jovens da periferia de Uberlândia a produção de conhecimento através das mídias digitais, todavia como estamos lidando com pessoas de diferentes experiências o processo de produção de conhecimento "se definem e se redefinem constantemente [transformando e dando novas direções a] todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo (REY, 2005)". Desta forma durante nossa caminhada com estes jovens nos deparamos com suas dificuldades e utopias - como é o caso do PAAES -, fazendo-nos repensar nosso trajetos. Nossas propostas (apresentada em resumo no gráfico abaixo) se firmaram na tentativa de estabelecer, no primeiro momento, um grupo de pessoas (graduandos; mestrandos; doutorandos; professores) que fossem capazes de ajudar os alunos do Ensino Médio com suas dificuldades, tendo como premissa a utilização das mídias digitais como suporte capaz de promover a produção coletiva de conhecimento. O segundo momento que desejamos consolidar é que estes jovens desenvolvam uma autonomia na produção e desenvolvimento de suas competências sem a necessidade direta de um grupo de "especialistas".



Por fim o significado dessas práticas, de mergulhar-se em experiências vividas, evidência a importância de aproximar cada vez mais através das produções coletivas – trabalhando com as mídias digitais – os conhecimentos historicamente construídos e as vivências cotidianas que nos fazem refletir sobre o mundo. Pois como mostra ARROYO (2011, p. 121)

Esse incondicional atrelamento entre experiências sociais, conhecimentos e significados faz parte da história da produção, reprodução, validação do conhecimento acumulado. Essa história é um conhecimento devido a ser ensinado, mostrado às novas gerações. Negar esse histórico atrelamento entre cada conhecimento em cada área, teoria e concepção, validação ou significação e as radicais indagações humanas que vêm das experiências sociais, políticas, econômicas e culturais será negar o direito ao conhecimento.

Trabalhando e se inquietando, também crescemos e adquirimos novas experiências, enfim avançamos coletivamente. Fizemos das oficinas e atividades em sala com os jovens do Ensino Médio um lugar novo, rico em experiências e descobertas. Nesse ambiente de aprendizagem coletivo nos constituímos educadores que procuram *VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania*. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

colocar a escola a altura do seu tempo e nos tornamos navegantes e produtores desse mundo conjugando suas imaginações e inteligências.

Referência Bibliográfica:

ALENCAR, A. de F. O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: Traçando novas perspectivas. **V Colóquio Internacional Paulo Freire**, Recife, set. 2005.
VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARVALHO, A. de M. **Significados do trabalho coletivo no processo de formação inicial de docentes em Educação de Matemática digital**. 2009.163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2009.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do Cotidiano: 1**. Artes de fazer. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Tradução de: Ephraim Ferreira Alvez.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P.; FREIRE, A. M. A.(Org.). **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2011. Tradução de: Luiz Paulo Rouanet.
- _____. **Cibercultura**. 1 ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. Tradução de: Carlos Irineu da Costa.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. et al. (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 10 ed. Campinas: Papirus, 2006.
- PAIVA, C. C. de. Metamorfoses epistemológicas no campo da Comunicação: convergências sociais e tecnológicas. In: PAIVA, C. C. de. et al. (Org.). **Afrodite no ciberespaço: A era das convergências**. João Pessoa: Marca de fantasia, 2010.
- SACRISTAN, J. Gimeno& GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Tradução de: Wagner de Oliveira Brandão ; revisão: Leonardo Avritzer.